

## **Administração: teorias e processo.**

**São Paulo: Pearson Prentice-Hall, 2005,**

de Geraldo Ronchetti Caravantes, Cláudia Caravantes Panno e Mônica Caravantes Kloeckner

### **Elzo Alves Aranha**

Doutor em Engenharia de Produção – USP;

Professor na graduação – UNINOVE;

eaaranha@uninove.br, São Paulo [Brasil]

A oferta de cursos de graduação em Administração vem-se ampliando no Brasil a cada ano. Entre 1991 e 2002, houve crescimento de 426%, saltando do patamar de 333 para 1.413 cursos. Hoje, mais de 1,7 mil faculdades, com aproximadamente 576 mil estudantes matriculados, formam cerca de 70 mil jovens por ano. Em todos os cursos da área, a Teoria Geral da Administração (TGA) é uma das disciplinas obrigatórias e profissionalizantes, tanto na antiga legislação, que trata do currículo mínimo, quanto nas Diretrizes Curriculares de Administração, homologadas recentemente. A disciplina é considerada a plataforma que proporciona os conhecimentos essenciais para a compreensão dos diferentes contextos da história da organização até a contemporaneidade.

Além dos desafios de contemplar conteúdos programáticos, que forneçam aos alunos não apenas os fundamentos da organização na perspectiva histórica, mas também conteúdos inerentes às funções das organizações, do administrador e da administração, novos horizontes estão sendo postos para reflexão na disciplina de TGA. Estes novos questionamentos contemplam uma análise crítica das abordagens mecânicas e reprodutivas, que tratam a trajetória histórica da Administração sob um prisma linear e estático, evoluindo para dimensões em que estejam fortemente inseridas as interações dinâmicas dos alunos com o contexto das organizações. Nesse ambiente, postula-se a necessidade de pensar novos formatos e modelos organizacionais, visando a conduzi-los a um processo reflexivo e criador, articulado com o cotidiano das organizações.

Nessa direção, a obra *Administração: teorias e processos*, desenvolvida por Caravantes

e demais autores, dirigida aos estudantes das disciplinas de TGA e também aos professores, convida-nos a descobrir as tessituras que envolvem as teorias da Administração, estabelecendo, inicialmente, um diálogo com a Filosofia, de forma que propicie entre os estudantes a redução da pobreza paradigmática, considerada pelos autores elemento inibidor e limitante da carreira de executivos promissores.

Essa recente publicação no campo da Teoria da Administração é ousada no sentido de propor novas possibilidades de abordar a disciplina de TGA, levando em consideração uma temática – pertinente ao campo filosófico –, denominada “formas de pensar a construção de modelos conceituais”. Ao introduzirem a referida temática, os autores conseguem desenvolver uma articulação coesa e equilibrada com o campo da Administração, promovendo o diálogo sem ruídos com a Filosofia, exigindo do leitor um novo olhar sobre duas questões apresentadas: a primeira, a tentativa de orientar o estudante na elaboração de modelos conceituais e mentais, como ponto de partida para inovar a organização, tendo como subsídios para o processo de elaboração as contribuições da Filosofia. Para auxiliar nesse processo, os autores apresentam breve história dos paradigmas conceituais que predominaram nos últimos 2,5 mil anos da história da civilização humana. Esses paradigmas seriam, a saber: a) a ciência positivista ocidental; b) o misticismo oriental, e c) o existencialismo. Esse mergulho histórico, em torno dos três paradigmas aliados aos princípios filosóficos que os regem, permite ao leitor sedimentar conceitos essenciais sobre a concepção do universo, para que consiga compreender, de

forma articulada e coesa, os principais elementos norteadores da organização. É importante ressaltar que, na segunda metade do século XVIII, sob a influência das descobertas no campo das ciências físicas, o paradigma newtoniano-cartesiano se firmou, foi hegemônico e transmutou em “ciência positiva”, carregando em seu bojo a noção de que cada novo conhecimento emergente na civilização ocidental estava imbuído dos três estágios de progresso – o místico ou religioso, o metafísico e, finalmente, o da ciência positivista. O princípio da administração científica, proposto por Taylor, por exemplo, emerge apoiado nos princípios que haviam delineado, como já sabemos, a “ciência positiva”.

A segunda questão apresentada é analisada do ponto de vista do funcionamento da organização, destacando os elementos constitutivos das funções administrativas básicas, tais como planejamento, organização, liderança e controle. No primeiro módulo, as demarcações sobre os elementos norteadores da ciência positiva, constituintes da cultura ocidental, e seus aspectos pertinentes aos paradigmas fornecem conhecimentos introdutórios e sensibilizam o leitor quanto à necessidade de desenvolver a observação e percepção aguçada dos componentes motivadores das revoluções científicas, bem como dos processos acumulativos do conhecimento ao longo da história. Os autores sugerem que os estudantes de administração adquiram, além daquelas competências necessárias ao administrador, a paradigmática que se opõe à noção de mudança e quebra de paradigma. Essa competência está atrelada à capacidade humana de perceber a existência de múltiplos paradigmas, munindo-se de um olhar que consiga esmiuçar cada um deles, objetivando a descoberta de elementos comuns e síncronos, inclusive naqueles paradigmas que, ao primeiro olhar, se mostrem opostos.

Alguns capítulos são indicados à apresentação das novas abordagens que emergiram recentemente (1980-2005) e propõem critérios de relevância para distinguir essas abordagens, modelos e propostas que surgiram ou surgem na esteira das transformações desencadeadas nas organizações, pressionadas por variáveis econômicas e tecnoló-

gicas, separando-as entre aquelas que contribuem ou não para o pensamento da administração. Os autores chamam de “modismos administrativos” as abordagens, modelos e propostas que não contribuem para formação de massa crítica, portanto desprovidas de densidade conceitual.

Para concluir, quanto à concepção, natureza e aplicabilidade dessas novas abordagens, apresenta-se a proposta teórica da “readministração”, que reúne dois componentes – de um lado a organização que pretende ser eficiente, eficaz e efetiva, e do outro o indivíduo provido de felicidade. Destaca-se que a readministração está apoiada em quatro aspectos: primeiro, a visão do homem como ser total; segundo, a nova ordem da lógica, que propõe como lidar com o princípio da autocontradição (elementos paradoxais, contrapondo a lógica aristotélica) nas organizações; o terceiro diz respeito à racionalidade e suas categorias (a substantiva, a funcional) e, por último, à nova visão da ecologia. Em síntese, a readministração teria como objetivo a busca de vantagens competitivas e permitiria satisfazer os clientes e os componentes da organização.

Os autores parecem demonstrar alguma insatisfação com as estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula, especialmente aquelas que se dedicam a ministrar conteúdos programáticos de TGA, que se dissociam de cenários do cotidiano das organizações, afastando o aluno da disciplina.

Em síntese, as demandas estão cada vez mais latentes nas organizações contemporâneas, por conta de profissionais que possuem um repertório conceitual ampliado e capaz de identificar, analisar e diagnosticar problemas, bem como propor soluções alternativas, buscando as melhores opções para a tomada de decisões e, ao mesmo tempo, avaliando-as. Essas demandas, oriundas das organizações, quando são analisadas à luz da proposta da obra, consistem na inclusão, no mesmo corpo da disciplina de TGA, de elementos básicos que auxiliam e estimulam o estudante a desenvolver o pensamento reflexivo, na busca da elaboração de conceitos que antecipem os desafios de diversas naturezas, quando se tem por foco os novos formatos e os modelos organizacionais.